



**Chica/Xica da Silva: Representações do mito na memória de Joaquim Felício dos Santos  
e no romance de João Felício dos Santos**

Vinícius Amarante Nascimento<sup>1</sup>

Regina Célia Lima Caleiro<sup>2</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa objetivou investigar as representações memorialísticas e literárias de Chica da Silva nas “Memórias do Distrito Diamantino”, 1868, de Joaquim Felício dos Santos e no romance histórico “Xica da Silva”, 1976, do literário João Felício dos Santos a partir da utilização do conceito de representação. Busca também discutir a aproximação entre História, Literatura e Memória Histórica e com os suportes metodológicos da análise discursiva identificar as desigualdades socialmente construídas para a mulher negra que circulam no discurso do texto literário e memorialístico.

**Palavras-chave:** História, Literatura, Memória Histórica, Representação, Chica da Silva

**Abstract:** This study investigated the representations and literary memorialísticas Chica da Silva in “Memórias do Distrito Diamantino”, 1868, by Joaquim Felício dos Santos and the historical novel “Xica da Silva” in 1976, the literary João Felício dos Santos from using the concept of representation. Search also discuss the connection between History, Literature and Historical Memory and supports methodological discourse analysis to identify socially constructed inequalities for black women that circulate in the discourse of the literary text and memorialistic.

**Keywords:** History, Literature, Historical Memory, Representation, Chica da Silva

## **Introdução**

Objetivou-se através deste artigo analisar as representações memorialísticas e literárias de Chica da Silva na memória histórica de Joaquim Felício dos Santos (SANTOS, 1956) e no romance histórico Xica da Silva (SANTOS, 2007) do escritor carioca João Felício dos Santos.

As maneiras de imaginar o “ser mulher” nas diferentes sociedades em que as mesmas se encontraram introduzidas, seja por meio das apreciações masculinas seja por meio das femininas, cunharam representações. Neste sentido, este trabalho teve como principal questionamento: Que representações de Chica da Silva foram construídas na memória histórica de Joaquim Felício dos Santos e na obra literária de João Felício dos Santos?

De acordo com Furtado (2003) Chica da Silva foi uma personagem histórica nascida escrava entre os anos de 1731 e 1735 no arraial de Milho Verde, viveria no diamantífero arraial do Tejuco entre 1750 e 1779 data do seu falecimento. Sua vida se ver intrínseca a do contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira no qual manteve um relacionamento assente tendo com este 13 filhos. Chica conseguiu alforria e logo buscou mudar os rumos de

sua vida, auferindo bens, tornando-se senhora de escravos, buscando comportar-se como um membro da elite tejuicana. A ex-escrava mostrou desvelo pelos filhos, não medindo esforços para educá-los e inseri-los positivamente em uma sociedade excludente, demonstrando também devoção no seguimento dos preceitos católicos.

O corpus documental desta pesquisa é composto por fontes impressas, um livro de memórias e um romance literário. Fontes profícuas para pesquisadores que buscam impressões de vidas, valores, anseios, sentimentos humanos e no caso deste trabalho, representações sobre a figura feminina, repleta de significados. Isso não seria possível sem o advento da História Social e Cultural como da História das Mulheres, que retiraram das fímbrias da memória aspectos importantes do universo feminino. Ressalta-se que, no estudo das representações memorialísticas e literárias se “(...) requer, necessariamente, a interpretação da forma e do conteúdo das obras, ou seja, exige que sua análise interna seja articulada aos contextos históricos e sociais” (FERREIRA, 2009, p. 83). Assim sendo, tornou-se indispensável instituir uma tática para o estabelecimento da conversação entre texto e o mundo circundante. Dessa forma utilizou-se como procedimento de investigação e interpretação do documento, a análise do discurso, que visa “(...) explicitar como texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeitos e sentidos” (ORLANDI, 2001, p. 26 – 27).

Sobre a fonte memorialística, vale ressaltar que pode ser escrita seja a partir da investigação em arquivos, como a partir das memórias do autor, sejam elas sociais ou particulares. Como verdadeiros autenticadores de uma ideologia regionalista, muitos memorialistas não hesitaram em eternizar a história de sua região, edificando mitos fundadores, como foi o caso de Chica da Silva, inscrita na memória regional encoberta sob o véu do preconceito.

A literatura nos oferece um conjunto de possibilidades para novas leituras de retentivas do passado. O diálogo entre história e literatura permite interpenetrar processos sociais e processos simbólicos. No seu ofício, o historiador urde o enredo de sua trama subjetivamente, assim como o literato, “tal como a literatura, a história, enquanto representação do real constrói seu discurso pelos caminhos do imaginário” (LEENHARDT, 1988, p.12). Os historiadores, como artífices da história, utilizam de recursos ficcionais na representação de fatos e acontecimentos, embora freados por alguma documentação. Pois, Historiador não é literário.

Ainda que se escreva em forma “literária”, o historiador não faz literatura, e isso por causa do fato de sua dupla dependência. Dependência em relação ao arquivo,

portanto, em relação ao passado do qual é a pegada. (...) Dependência, continuando, em relação aos critérios de cientificidade e às operações técnicas relativas a seu “ofício” (CHARTIER, 2001, p. 135).

A literatura não pode ser sintetizada a uma mera realização estética, mas sim como fenômeno cultural, que vem possibilitando ao historiador assumi-la como documento para as suas observações e indagações, por trazer “(...) à luz alguns dos valores, comportamentos, gestos, inclusive motivações e imaginários que serviam como guias para as ações das pessoas em cada época” (CARNEIRO, 2006, p. 15). Por historiar e registrar o movimento que o homem desempenha, suas perspectivas de mundo, suas aspirações, a literatura dá um depoimento histórico, e como tal, deve ser inquirida segundo seus atributos característicos. Dadas as mãos, história e literatura, aproximam-se das representações construídas sobre o real.

### **A representação histórica – mítica de Chica da Silva a partir do relato fundador de Joaquim Felício dos Santos**

O conceito de representação está no âmago da História Cultural, pois permite compreender como os “indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade” (PESAVENTO, 2008, p. 39). Sobre a definição do conceito de representação certifica o historiador Roger Chartier que:

(...) as acepções correspondentes à palavra “representação” atestam duas famílias de sentido aparentemente contraditórias: por um lado, a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa. Na primeira acepção, a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma “imagem” capaz de repô-lo em memória e de “pintá-lo” tal como é (CHARTIER, 1991, p. 184).

Assim sendo, a representação torna presente algo ou alguém ausente, pois, “representar é, (...) fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá ver uma ausência. A idéia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença” (PESAVENTO, 2008, p. 40). O fazer presente de algo ou alguém ausente se dará por mediação de uma “imagem” portadora de sentidos e significados, cuja constituição deriva de valores modelados segundo determinadas condições sociais, econômicas e políticas.

A lembrança de Chica da Silva permaneceu viva na memória e oralidade de homens e mulheres no nordeste de Minas Gerais desde 1796.<sup>3</sup> Porém, sua imagem seria presentificada,

apresentada pela primeira vez nas páginas das *Memórias do Distrito Diamantino* (1868) de Joaquim Felício dos Santos. Se o conceito de representação remete a “(...) uma exposição, uma reapresentação de algo ou alguém que se coloca no lugar de um outro, distante no tempo e/ ou no espaço” (PESAVENTO, 2008, p. 40), percebe-se, a partir da obra de Joaquim Felício dos Santos, a exibição de uma imagem repleta de valores de Chica da Silva que colocou-se no lugar da “outra”, da mulher setecentista que habitou no arraial do Tejuco e que encontra-se espacialmente e temporalmente distante do momento de escrita do autor.

Se a imagem-lembrança de Chica da Silva residia na mente dos diamantinenses e se os fatos tidos como de sua vida passeavam pelas conversas populares através do campo volátil da oralidade, a sua imagem passaria a se solidificar com maior intensidade no imaginário social a partir da linguagem escrita de Joaquim Felício dos Santos, já que, “o imaginário social se expressa por símbolos, ritos, crenças, discursos e representações alegóricas e figurativas” (PESAVENTO, 1995, p. 24).

Joaquim Felício dos Santos no ano de 1853 conduziu a repartição dos bens no rompimento da união conjugal do seu tio o tenente Feliciano Atanásio dos Santos com a neta de Chica da Silva, Frutuosa Batista de Oliveira a única filha de Rita Quitéria Fernandes de Oliveira (FURTADO, 2003). Também foi no ano de 1860 o representante legal dos legatários de Chica da Silva num processo pela posse dos haveres do contratador João Fernandes de Oliveira no Brasil (FURTADO, 2003). Ambos os processos, de repartição de bens e de ação de posses no pleito judicial, serviram a Joaquim Felício dos Santos como “(...) material inusitado para compor sua crônica colonial, pois nas horas vagas Joaquim Felício escrevia uma história da região, publicada em capítulos, entre 1862 e 1864, no jornal local *O Jequitinhonha*” (FURTADO, 2003, p. 265). Trata-se do primeiro jornal da cidade mineira de Diamantina, fundado pelo próprio Joaquim Felício dos Santos no ano de 1860 (DUARTE, 2010).

Joaquim Felício dos Santos coadunou os vários artigos periódicos lançados no jornal *O Jequitinhonha* numa obra intitulada como as *Memórias do Distrito Diamantino*, que se tornou notória após a publicação em 1868 (FURTADO, 2003). De definida inclinação republicana, Joaquim Felício dos Santos nas suas *Memórias do Distrito Diamantino* não somente buscou elencar os principais fatos do cenário político da história diamantinense, mas ao focalizar a fase de exploração de diamantes no Arraial do Tejuco, ressalta a história de Chica da Silva, que inscrita na obra com feições de lenda, ganha o estatuto de personagem histórica de alcance nacional.

As representações são determinadas pelos movimentos sociais, políticos e culturais que emergem na sociedade, sendo que o relato fundador de Joaquim Felício dos Santos cria uma representação de Chica da Silva marcada pelo período histórico em que esta imagem foi concebida. Para construir esta representação Joaquim Felício dos Santos respaldou-se em depoimentos de moradores locais, em informações apreendidas nos autos processuais em que esteve envolvido enquanto advogado dos sucessores de Chica da Silva e principalmente nas suas concepções e convicções particulares, que devem ser entendidas como pontos de referência para o entendimento de sua época, já que as representações, enquanto “(...) percepções do social não são de forma alguma discursos neutros” (CHARTIER, 1988, p. 17).

Como um homem do século XIX, Joaquim Felício dos Santos reconstrói a sua Chica da Silva segundo os desígnios de sua época, quando “(...) a mulher e a família deviam regrar-se pela moral cristã e onde imperavam os preconceitos contra ex-escravos, mulheres de cor e uniões consensuais” (FURTADO, 2003, p. 266). Sendo que para os homens daquele tempo “(...) as escravas eram sensuais e licenciosas, mulheres com as quais era impossível manter laços afetivos estáveis” (FURTADO, 2003, p. 267).

Envolto por um imaginário preconceituoso do seu contexto histórico, Joaquim Felício dos Santos não tolerava o fato de um homem branco, nababo e instruído ter uma afeição duradoura por uma escrava, parda e filha de uma africana. Assim sendo, no seu livro *Memórias do Distrito Diamantino*, Joaquim Felício dos Santos sob os suportes de valores europeus e cristãos como também das suas preferências pessoais desenha a imagem de Chica da Silva como uma mulher que:

(...) tinha as feições grosseiras, alta, corpulenta, trazia a cabeça rapada e coberta com uma cabeleira anelada em caixos pendentes, como então se usava; não possuía, graças, não possuía beleza, não possuía espírito, não tivera educação, enfim não possuía atrativo algum, que pudesse justificar uma forte paixão (SANTOS, 1956, p. 161).

Na obra do memorialista Joaquim Felício dos Santos, João Fernandes de Oliveira personifica a figura do senhor absoluto do Tejuco, homem arbitrário, que reprimia os moradores do arraial com sua tirania ao obrigar “(...) a elite local a se curvar à escrava opressora e dominadora, que se vestia ricamente e tinha tudo o que o dinheiro e o poder podiam comprar” (FURTADO, 2003, p. 268).

Embora pejorativa e negativa, assim é a origem da primeira representação de Chica da Silva que desempenha um papel substitutivo do ausente vivido, já que a representação deve ser “(...) entendida como relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro porque lhe é homólogo (...)” (CHARTIER, 1991, p. 184). Se a

representação de Chica da Silva possibilita uma explicação da realidade do autor que a pensou e a retratou de maneira torpe, passando “(...) a encarnar o estereótipo da mulher negra e escrava (...)” (FURTADO, 2003, p. 267). Cabe ressaltar que esta imagem foi estabelecida por um corpo de valores culturais e sociais de um dado momento, não podendo ser crivada como uma representação real ou não real, pois, “a força da representação se dá pela sua capacidade de mobilização e de produzir reconhecimento e legitimidade social. As representações se inserem em regimes de verossimilhança e de credibilidade, e não de veracidade” (PESAVENTO, 2005, p. 42).

Roger Chartier explica que as representações do mundo social “(...) são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza” (CHARTIER, 1988, p. 17). Pois, ao relacionarmos o conteúdo da crônica colonial de Joaquim Felício dos Santos com a sua posição de enunciação relevante pelo seu posto de autoridade como político<sup>4</sup>, jurista<sup>5</sup> e romancista<sup>6</sup>, percebemos que o seu livro de memórias, pelo alcance e circulação territorial tornou-se notório e de leitura indispensável para qualquer indivíduo que se sinta atraído a saber mais sobre a história de Diamantina. Tal obra recria uma representação feminina, tal mediatização é resultado de um discurso social masculino que não é neutro, mas, ideológico, já que, “(...) a linguagem, em seu sentido mais amplo, desempenha papel fundamental na definição e na manutenção da visão de mundo “masculina”, vigente na maioria das sociedades ocidentais modernas” (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 55). Joaquim Felício dos Santos enquanto “membro da elite branca preconceituosa do século XIX (...)” (FURTADO, 2003, p. 268) descreveu Chica da Silva como uma “mulata de baixo nascimento” (SANTOS, 1978, p. 161), pois, “aquele que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo tem o controle da vida social e expressa a supremacia conquistada em uma relação histórica de forças” (PESAVENTO, 2008, p. 41). A memória histórica de Joaquim Felício dos Santos, dotada desse poder simbólico, projetou Chica da Silva para a história. Embora, a partir dessa obra o nome dessa mulher setecentista não tenha sido esculpido na tabula monumental que perpetua a memória dos grandes heróis brasileiros.

Chica da Silva tornou-se um mito que atravessou as páginas de memórias e romances, sendo transportada dos livros para o cinema, teatro, música e mais recentemente foi “popularizada” pela televisão. Mas, qualquer estudioso ao buscar a matriz de onde surgiram tantas imagens<sup>7</sup> sobre essa personagem, certamente se deparará com o discurso oficial de Joaquim Felício dos Santos, já que o texto do memorialista marca a gênese das representações sobre essa mulher setecentista. A obra deste autor servirá de base concreta para quase tudo

que se escreverá posteriormente sobre Chica da Silva. Embora o livro de Joaquim Felício dos Santos apresente informações enganosas sobre essa mulher histórica, enquanto “relato original” e “texto fundador” foi constantemente retomado pelos autores subseqüentes, que tomavam o seu texto como “matéria prima” ou “fonte principal” para os seus escritos sobre a vida da ex-escrava tejuicana. Sendo assim, os que sucederam a Joaquim Felício dos Santos na memória histórica só agregaram novos atributos à imagem de Chica da Silva, fazendo uma releitura desta mulher movidos por valores de novos tempos, pois “as representações apresentam múltiplas configurações e pode-se dizer que o mundo é construído de forma contraditória e variada pelos diferentes grupos do social” (PESAVENTO, 2008, p. 41).

Diferenciando-se das inúmeras negras que eram envolvidas no mundo da desclassificação e do esquecimento, sina comum a quase todas as mulheres de sua etnia, Chica da Silva foi descrita como uma exceção, mulher sem igual nem semelhante, singular, que fez acordar emoções conflitantes nos autores que a representavam. “Bruxa, sedutora, perdulária, megera, mas também redentora e libertadora de seu povo” (FURTADO, 2003, p. 278) todas essas modalidades são carregadas de sentidos sociais e históricos, são como nos diz Sandra Pesavento imagens que “(...) se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão” (PESAVENTO, 2008, p. 41). Cabendo ao historiador da cultura traduzir, interpretar estas imagens cifradas que podem ser historicizadas, já que, foram concebidas num determinado momento histórico.

### **A reabilitação de Chica da Silva por João Felício dos Santos: de escrava grotesca a mulata sensual**

Como personagem literária Chica da Silva atravessou as amarrações colocadas pelas explicações históricas, “a liberdade de reconstrução da realidade preencheu as lacunas da história com a imaginação, recurso estilístico próprio do romance e agregou outras qualidades ao mito” (FURTADO, 2003, p. 278). Se no século XIX Chica da Silva teve a sua aparência e o seu caráter infamados pela inscrição mordaz de Joaquim Felício dos Santos, no século XX a imagem de Chica da Silva será reatualizada por João Felício dos Santos, sobrinho-neto de Joaquim Felício dos Santos. Embora pareça contrário ao senso comum, é um parente de Joaquim Felício dos Santos que vai dotar Chica da Silva de características bem diferentes da imagem descrita no relato fundador.

Diferentemente do seu predecessor, o célebre memorialista Joaquim Felício dos Santos, que rispidamente aponta Chica da Silva como tendo um aspecto físico desagradável;

João Felício dos Santos, na década de 1970, reabilita a aparência de Chica da Silva a exornando com muita beleza, esbanjando graça e sensualidade em seu romance (SANTOS, 2007). A Chica da Silva de João Felício dos Santos, ou melhor, a Xica da Silva com “X” de João Felício dos Santos, pois, como se justifica na nota introdutória da primeira edição do seu romance “com X, como se escrevia no tempo em que viveu” (SANTOS, 1976, nota de introdução). Mas, a mudança não se resume a uma mera modificação consonantal no nome de Chica da Silva<sup>8</sup>, pois, ela passa a encarnar a partir dessa obra ficcional o estereótipo da mulata tentadora e irresistível, tipo feminino cobiçado pelos homens por seus atrativos sexuais e por sua acentuada beleza física e sensualidade aflorada, que são os seus grandes trunfos.

A imagem voluptuosa de Chica da Silva fantasiada por João Felício dos Santos tem ligações com a própria conjuntura sócio-histórica de escrita da obra literária, a década de 1970, momento histórico de forte inquietação política e cultural, onde assistiu-se mobilizações libertárias com o desejo de uma maior liberação sexual que prometia “sacudir a velha moral, o velho mundo pudico, autoritário, patriarcal, arcaico” (GUILLEBAUD, 1999, p. 176) e que progressivamente fazia desvanecer a velha armadura social que defendia uma imagem normatizada para a mulher como casta, assexuada e abnegada ao lar. João Felício dos Santos, na década de 1970, concedeu a Chica da Silva a “alforria sexual”, transformando-a na mulata fatal, luxuriosa e amoral. Esta imagem é reveladora de como o mito de Chica da Silva vai sendo modernizado de acordo com os valores dos diferentes períodos históricos, como também torna visível uma posição masculina machista que através da linguagem cria uma representação feminina sexualizada e racializada. Vale ressaltar que as representações sobre a mulata altamente sensualizada remetem aos tempos coloniais, mas cada época atualiza tais representações a sua maneira, assim como faz João Felício dos Santos. Se o movimento da Revolução Sexual da década de 1970 repercutiu para a escrita do romance de João Felício dos Santos, influência maior foi recebida da obra *Casa Grande e Senzala* (1933) de Gilberto Freyre que criou representações sobre a mulher negra e tornou-se um marco referencial sobre as possibilidades de pensamento de sua época. João Felício dos Santos é contemporâneo de Gilberto Freyre e ao observar o contexto de formação do romancista na década de 1930 e ao analisar a sua obra literária percebe-se a influência das idéias sobre a mulher negra e sobre a miscigenação que circulavam naquele contexto de lançamento e discussão da obra de Gilberto Freyre.

Chica da Silva for transformada na mulata luxuriosa por João Felício dos Santos, tal mudança, “(...) foi justificada com o argumento da falta de documentos históricos sobre o assunto, e somente a sensualidade da mulher mestiça poderia servir como fio narrativo (...)”

(FURTADO, 2003, p. 282) de uma história insólita, venturosa, de extravagâncias e descomedimentos a história de “Xica da Silva e sua espantosa loucura” (SANTOS, 2007, p. 7). Ajustando-se ao imaginário coletivo<sup>9</sup> do momento de escrita do autor,<sup>10</sup> a imagem da escrava Xica modelada no romance de João Felício dos Santos acompanha as mudanças da década de 1970, a libertação da mulher de estereótipos de submissão, compostura e reclusão no lar. Vale ressaltar porém, que João Felício dos Santos é menos influenciado pela revolução sexual feministas ocorridas entre as décadas de 1960 e 1970, do que pela tradição de pensamento sobre a mulata que remonta a Gilberto Freyre, autor esse, da mesma geração do romancista. O contexto particular dos anos de 1970 tiveram sua parcela de influência na concepção da obra, entretanto não poderíamos sobrevalorizar lutas femininas como possíveis influências de um homem talvez mais interessado em outros modos de pensar a mulher do que como um indivíduo livre sexualmente. Constância Lima Duarte ao descrever as lutas e conquistas femininas, ressalta a década de 1970 como um momento buliçoso que foi “(...) capaz de alterar radicalmente os costumes e tornar as reivindicações mais ousadas em algo normal” (DUARTE, 2003, p. 17), pois, começou a ser debatido neste período questões polêmicas como “(...) o aborto, a mortalidade materna, as mulheres na política, o trabalho feminino, a dupla jornada e a prostituição” (DUARTE, 2003, p. 18). A denúncia da persistência da desigualdade entre os sexos e a busca pela equiparação entre os direitos políticos e civis da mulher em relação ao homem, foi uma das reivindicações do movimento feminista neste período, que no Brasil contribuiu para que as mulheres “(...) se posicionassem também contra a ditadura militar e a censura, pela redemocratização do país, pela anistia e por melhores condições de vida” (DUARTE, 2003, p. 18).

Sexualidade feminina? Aborto? Direito ao prazer? A onda levantada pela revolução erótica na década de 1970 trouxe à tona todas essas questões. Ao se erguer o mastro com a bandeira que denotava o lema o “nosso corpo nos pertence” (DUARTE, 2003, p. 18), a revolução sexual feminina possibilitou “(...) à mulher igualar-se ao homem no que toca à desvinculação entre sexo e maternidade, sexo e amor, sexo e compromisso” (DUARTE, 2003, p. 18). Mas, como argumenta Mary Del Priore, “se a revolução sexual foi, antes, considerada, uma libertação diante das normas de uma sociedade puritana e conformista – a burguesa e vitoriana – ela, atualmente promove uma sexualidade mecânica, sem amor, reduzida à busca do gozo” (PRIORE, 2006, p. 11-12). Todavia, aqui ainda cabe um questionamento: Que revolução sexual feminina foi esta? Pois, embora a mulher tenha sido parcialmente desobrigada de seguir o cânone feminino arbitrário, que exigia da mulher uma entrega oblativa à maternidade, uma sexualidade contida ao casamento e uma vida restrita ao

ambiente privado e doméstico, ainda não conseguiu se livrar dos laços de novos padrões comportamentais normativos impostos para as mulheres como também desvincular-se de uma visão masculina opressiva e tendenciosa que busca dominar os corpos e desejos femininos. Pois, Mary Del Priore questiona:

Quem é essa mulher “mais livre”? Aquela que deseja, nos anos 70, viver a liberação sexual. Cada vez mais parecida com as mulheres fotografadas nas revistas masculinas, ela é extremamente provocativa. Não porque queira. Mas porque o homem assim a deseja. Conhecedora, pelo menos em tese, de milhares de técnicas sexuais, é o oposto de sua avó do início de século. Leitora ávida dos conselhos de psicólogos, médicos e terapeutas sexuais, ela domina, ou crê dominar, todos os saberes exóticos. Ela é um objeto sexual que gosta de seu papel. Alguma preocupação com o emocional ou o afetivo? Zero. O fundo musical da cena pode ser um hit da época: “*I can’t get no satisfaction*” do grupo Rolling Stones (PRIORE, 2006, p. 331).

É neste momento histórico que o mito de Chica da Silva seria modificado. Como musa inspiradora que transporta valores presentes no imaginário social e expectativas daqueles que a conceberam e ainda como receptáculo captador dos desejos dos homens, Chica da Silva passa a ser, na década de 1970, objeto das fantasias sexuais masculinas, projeção de um tipo de mulher desbragada sexualmente, de corpo sempre disponível onde o sexo poderia ocorrer sem restrições. Pois, “(...) o corpo da mulher também é o campo de exercício do poder masculino” (SANT’ANNA, 1993, p. 13) e na obra literária Xica da Silva “(...) a voz que fala pela mulher é a voz masculina” (SANT’ANNA, 1993, p. 12) que não exprime os verdadeiros sentimentos femininos, pois, não se trata de uma mulher de carne e osso, mas, de uma imagem idealizada do que os homens querem e esperam da mulher. Pois, “longe de ser um problema recente, as relações que o eu desenvolve com seu outro, desde tempos imemoriais, têm provocado medo, segregação e exclusão” (JOVCHELOVITCH, 1988, p. 69) o que ocorre na obra de João Felício dos Santos, onde o “eu” do autor é uma voz que tenta se passar pela voz da mestiça Xica da Silva, voz que se expressa por ela, que se posiciona por ela, mas que em momento algum questiona o racismo, a existência de preconceitos ou promove a desconstrução de estereótipos. Muito pelo contrário, o discurso de João Felício dos Santos vem reafirmando determinismos raciais como um círculo vicioso de estereótipos depreciativos contra a mulher mestiça. Dessa forma o autor passa a perder a passagem para uma subjetividade feminina, como a capacidade de se pôr no lugar do outro(a), de expressar-se como se fosse o outro(a) e de traduzir interiormente o outro(a) desprendido daquilo que ele é, ou seja, perde o alcance de uma positiva alteridade.<sup>11</sup>

Como um produto cultural que acompanha a sua conjuntura histórica, a obra de João Felício dos Santos tem também algo a dizer sobre a década de 1970. Sendo assim, a partir da

escrita do romance de João Felício dos Santos podemos perceber o momento histórico de elaboração da obra. Para melhor entendermos as representações de Chica da Silva na obra de João Felício dos Santos temos que estar atentos aos aspectos extra-textuais como os da produção autoral da fonte literária, ou do universo histórico-estético do autor, que são expressão de uma época e das relações sócio – culturais que o mesmo constitui como sujeito e agente histórico dentro de uma trama social. Sendo assim, o entendimento do momento de inscrição da obra como o conhecimento das influências históricas, literárias, estéticas do escritor permitem a compreensão de como as ausências são presentificadas no modo como João Felício dos Santos constrói “sua” Chica da Silva.

Na linha do chamado “romance histórico”,<sup>12</sup> a obra ficcional de João Felício dos Santos Xica da Silva de 1976, mostra-se reveladora de representações femininas que dizem muito mais do tempo de escrita da obra do que do tempo em que se busca retratar. Como um homem inserido no seu tempo, as imagens criadas por João Felício dos Santos desvelam a realidade do período em que foram imaginadas, como da sociedade que as concebeu (PESAVENTO, 2002). Sendo que, o modo como o sujeito histórico constrói estas representações é mediante sua posição sócio-cultural (CHARTIER, 1988). Assim sendo, cabe a perquisição: Quem foi João Felício dos Santos?

João Felício dos Santos<sup>13</sup> nasceu na cidade de Mendes no Estado do Rio de Janeiro no ano de 1911 vindo a falecer em 13 de junho de 1989 no mesmo Estado. Foi topógrafo, publicitário, funcionário público federal e jornalista, profissão na qual atuou por longa parte de sua vida, sendo que os seus primeiros escritos datam de 1938 (SANTOS, 2007). A compreensão da vida do autor nos permite compreender as relações de forças, já que “podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (ORLANDI, 2001, p. 31).

Em seus romances históricos<sup>14</sup>, João Felício dos Santos buscou expor importantes etapas da história brasileira, “(...) como o ciclo minerador, a chegada da família real portuguesa, a Inconfidência Mineira, a Guerra dos Farrapos e resgata personagens que se tornaram célebres – Xica da Silva, Carlota Joaquina, Aleijadinho, Anita Garibaldi, Calabar, entre outros”, (SANTOS, 2007, p. 239) sendo que muitos destes personagens foram transportados para a narrativa fílmica, pela expressividade de suas biografias romanceadas, “(...) os livros Xica da Silva; Carlota Joaquina; Ganga Zumba (premiado pela Academia Brasileira de Letras) e Cristo de Lama foram adaptados para o cinema” (SANTOS, 2007, p. 239).

João Felício dos Santos, embora seja um ficcionalista, não deixa de ter o real como referência (PESAVENTO, 2000), pois, existe a vontade do romancista “de fazer crer que as coisas se passaram realmente assim” (LEENHARDT, 1998, p. 43), sendo alicerce tanto do discurso histórico como do literário “a vontade de representar na linguagem os fatos e os acontecimentos segundo a modalidade do verossímil” (LEENHARDT, 1998, p. 43). E para dar este efeito de “real” na obra *Xica da Silva*, João Felício dos Santos fez leituras que o ajudaram a construir o seu romance, a partir de obras memorialísticas como as *Memórias do Distrito Diamantino* do seu parente Joaquim Felício dos Santos, *Arraial do Tejuco*, *Cidade Diamantina* de Aires da Mata Machado Filho e também de obras literárias como o *Romanceiro da Inconfidência* de Cecília Meireles e o *Tesouro de Chica da Silva* de Antônio Callado. Mas, vale salientar que o texto de Joaquim Felício dos Santos foi o mais revisitado por João Felício dos Santos pelo fato de conter informações sobre a economia, política, organização social do vetusto arraial do Tejuco. Aqui percebemos a memória discursiva e o *interdiscurso* “definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (ORLANDI, 2001, p. 31) estes já-ditos sobre Chica da Silva são retomados por João Felício dos Santos. Já que o autor busca trazer memórias diversas da vida de Chica da Silva embora não seja “fácil penetrar na vida privada nem na vida íntima situada no interior da vida cotidiana, ou porque se confundem com a vida pública, ou porque, ao contrário, se escondem atrás do próprio pudor em revelá-las” (FOISIL, 1993, p. 331)

Joaquim Felício dos Santos, como o primeiro criador de Chica da Silva, teria a sua personagem histórica apropriada e ressignificada por seu sobrinho-neto João Felício dos Santos, que a tornaria um mito como a mulata lasciva de sexualidade exacerbada. Neste ponto já percebemos na obra de João Felício dos Santos o *intradiscurso* “que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas.” Ou seja, o que se diz e que se diferencia.

O conceito de apropriação segundo Roger Chartier “(...) visa uma história social dos usos e das interpretações (...)” (CHARTIER, 2002, p. 68) como também, segundo o autor “(...) enfatiza a pluralidade dos empregos e das compreensões e a liberdade criadora” (CHARTIER, 2002, p. 67). O que pode ser perceptível com a imagem de Chica da Silva que foi sendo moldada como barro pelas mãos dos seus muitos artífices. Releituras foram feitas do discurso oficial de Joaquim Felício dos Santos sobre Chica da Silva e representações contraditórias foram construídas sobre esta mulher, como a de João Felício dos Santos. As apropriações que se fizeram de Chica da Silva geraram lutas de representações por aqueles que buscaram determinar a sua imagem, já que “as lutas de representações têm tanta

importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (CHARTIER, 1988, p. 17). E como acrescenta Georges Duby sobre as representações que “numa determinada sociedade, coexistem vários sistemas de representação, que (...) são concorrentes” (DUBY, 1995, p. 132) e determinadas pelas relações de poder, como as imagens de Chica da Silva que refletem os antagonismos sociais.

João Felício dos Santos também passa a autenticar como registros do passado dignos de consulta para ajudar na composição de suas obras literárias a oralidade, a partir do momento em que durante as suas viagens pelo país, passa a recolher os relatos locais de moradores sobre os muitos personagens históricos que tornariam protagonistas de suas obras ficcionais. No caso de Chica da Silva pelo fato de sua lembrança estar sempre presente na vida cotidiana dos diamantinenses, não foi difícil recolher da tradição oral muitas histórias contraditórias contadas pelo povo sobre essa mulher que faz parte do universo simbólico do nordeste de Minas.

Sob a pena do literário, a história vai sendo inscrita não necessariamente como foi, mas, como poderia ter sido. E da mesma forma ocorre com os personagens históricos que ao serem transportados da história para a narrativa literária ganham novos contornos enquanto representações do real, não sendo descritos pelo literário como eram, mas, como poderiam ser, pois, “a representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele” (PESAVENTO, 2008, p. 40). Assim sendo, a Xica da Silva personagem literária de João Felício dos Santos não é uma reprodução idêntica à Chica da Silva mulher do século XVIII, como também não é o seu reflexo perfeitamente igual. Mas, é sim uma representação, uma construção social gestada e gerida num determinado tempo.

Xica da Silva não foi a única personagem mulata a ser representada por João Felício dos Santos. No seu romance histórico *João Abade*, o autor descreve a sua Maria Olho de Prata como a mestiça devassa sempre animada para aventuras pecaminosas. Mas, para compreendermos a imagem de Xica da Silva envolta numa aura de lubricidade e de forte apelo sexual (*sex appeal*) produzida por João Felício dos Santos, temos que estar atentos a alguns condicionantes, como os seguintes:

- a) compromissos do escritor com correntes literárias; b) as peculiaridades estilísticas de cada autor; c) o momento histórico em que a obra seja elaborada; d) os recursos materiais que envolvem e afetam a produção, atingindo também as expectativas e o gosto do público ao qual a obra literária se destina (QUEIROZ JÚNIOR, 1975, p. 96).

No que tange às correntes literárias, as obras de João Felício dos Santos têm fortes indícios regionalistas. Porém, como diagnosticou Teófilo de Queiroz Júnior (1975), ao arrolar diversas obras literárias de autores nacionais, do Barroco aos Movimentos Contemporâneos, que independentemente das correntes literárias e dos seus respectivos momentos de manifestação histórica há sempre a persistência literária do estereótipo da mulata e com João Felício dos Santos não foi diferente. Pois, em duas de suas obras datadas de tempos diferentes, João Abade de 1957 com a mulata Maria Olho de Prata e Xica da Silva que protagoniza e intitula o romance de 1976 o estereótipo da mulata permanece o mesmo com pouquíssimas alterações, embora a década de 1970 fortaleça a representação da mulata sensual.

Se o comprometimento de um autor com uma corrente literária não necessariamente provoca uma revisão ou modificação do estereótipo da mulata, vale ressaltar que as peculiaridades estilísticas de cada autor podem fomentar em níveis diferenciados o estereótipo. João Felício dos Santos, favorecido por sua desenvoltura e fluência narrativa, criou um texto irreverente, humorado, espontâneo e de linguagem acessível ao grande público o que dilatou o círculo de leitores de suas obras. Porém, a boa dose de irreverência na obra de João Felício dos Santos, esconde o seu humor amoral e o seu machismo na descrição da sua mulata que entenece os cinco sentidos masculinos, convidando-os ao pecado da luxúria com seus muxoxos, carícias e manobras sexuais. Sendo ainda, através de um estilo humorado e direto que João Felício dos Santos agride e vilipendia as suas mulatas.

Ainda sobre as peculiaridades estilísticas do autor, o fato de João Felício dos Santos ter tido uma proximidade com o universo do carnaval<sup>15</sup> por ser sido compositor de enredos para grandes escolas de samba, alimentaram no autor o teor discriminatório e machista contra a mulher negra tão reproduzido por esta festa de caráter popular, pois, “(...) o carnaval, como exercício desreprimido de nossa ideologia ratifica um preconceito violento contra a mulher de cor, disfarçado numa linguagem irônica e aliciadora” (SANT’ANNA, 1993, p. 33). E João Felício dos Santos passa a apreender, anunciar, disseminar, e conservar esta representação coletiva estereotipada e racista da mulata enquanto tipo nacional, como também os preconceitos arraigados na cultura popular carnavalesca através de suas obras literárias. Pois, no imaginário erótico masculino projetou-se a mulata como a rainha do carnaval, senhora que merece deferência e prestígio. Exaltada como símbolo de brasilidade, cuja imagem no carnaval quase sempre faz uma alusão estético-sexual ao corpo bonito, esguio e fogoso como a dança insinuante. A mulata passa a ser no carnaval a mulher almejada como objeto de posse, sempre associada à simpatia e a vulgaridade, a irresponsabilidade, malícia e amoralidade. E

assim uma posição reacionária masculina vai perpetuando um discurso discriminador sobre a mulher negra em escala social, ideológica e cultural.

Aspecto também importante para compreendermos as peculiaridades estilísticas de João Felício dos Santos na descrição de Xica da Silva como a mulata bela e desejada é o conhecimento de suas influências literárias e estéticas, como também o do seu círculo intelectual e literário. E um expoente da literatura que fez parte do círculo de amizades de João Felício dos Santos e que tem características similares a ele no seu estilo literário foi o romancista Jorge Amado.

Jorge Amado foi um escritor que através de seus romances construiu uma fantástica atmosfera regional, através de muito bom humor, espontaneidade e fluência descritiva. Jorge Amado foi amigo de João Felício dos Santos e ambos são influenciados pela mesma cultura de tipificação da mulher, em particular da mulher negra. Nas obras de Jorge Amado as mulatas constantemente se vêem enredadas numa trama de pretensão masculina, sempre sujeitas à voluptuosidade dos homens. Sendo assim, mulatas como Rosenda, Gabriela, Ana Mercedes<sup>16</sup>, e outras tantas idealizadas por Jorge Amado, não passam de representações estereotipadas femininas, que encarnam as fantasias sexuais do homem branco que as imaginou. Pois, para a mulata nas obras literárias de Jorge Amado

(...) não é permitido ser esposa ou mãe, pois, é o símbolo da liberalidade sexual. Ela não é respeitada nem como mulher nem como indivíduo. Sua função é atrair os homens, ser explorada por eles e em troca explorá-los para obter o que quer através do sexo. A aspiração individual que brota de talentos fora desse domínio é, conseqüentemente, destruída ou denegrida no interesse do estereótipo (BROOKSHAW, 1983, p. 142).

João Felício dos Santos passa a ser intensamente influenciado por um imaginário coletivo construído sobre as mulheres negras e mulatas na produção cultural literária brasileira, e os seus romances apresentam uma demasia de representações preconceituosas, idealizadas e estereotipadas sobre a afetividade e sexualidade das personagens negras e mulatas assim como nas obras literárias do seu amigo Jorge Amado, que defendia que no Brasil havia um modelo harmonioso de relações afetivo/sexuais inter-raciais, pois, como afirmou o escritor em entrevista dada ao jornal “O Estado de São Paulo”: “Meu país é uma verdadeira democracia racial...” (QUEIRÓZ JÚNIOR, 1975, p. 112). Porém, por detrás do manto da democracia racial se escondia o preconceito e a fria exclusão social que pesava sobre as mulheres negras e mulatas. Na obra de João Felício dos Santos, o romance inter-racial entre Chica da Silva e João Fernandes de Oliveira foi utilizado com o intuito de reafirmar que o território brasileiro é livre de preconceitos raciais, já que “o mito de Chica da

Silva tem sido utilizado para sustentar a alegação de que, no Brasil, os laços de afeto e as relações físicas entre brancos livres e mulheres de cor abrandaram a exploração inerente ao sistema escravista em face do concubinato” (FURTADO, 2003, p. 23).

Sobre o momento histórico de elaboração da obra literária *Xica da Silva* de João Felício dos Santos, como já falamos e aqui voltamos a ressaltar as décadas de 1960 e 1970, período de inscrição do referido romance, representaram um momento histórico de intensas transformações comportamentais femininas em decorrência dos inúmeros movimentos libertários que emergiram como a luta feminista. Mas, foi a consolidação da Revolução Sexual que desarmou os velhos princípios tradicionais morais que ditavam os comportamentos relacionados à sexualidade humana como as relações interpessoais. Nesta nova perspectiva a mulher passa a desenvolver novas posturas, condutas e procedimento frente a sua sexualidade, já que as décadas de 1960 e 1970 destacaram-se pelo aparecimento da pílula anticoncepcional e outros métodos contraceptivos que permitiram à mulher um maior controle sobre a reprodução, pela reestruturação das relações entre homens e mulheres, na redução dos casamentos formalizados, na modificação de costumes que possibilitaram às mulheres vestir-se e comportar-se com maior liberdade, podendo expressar os seus desejos, falar de sexo, prazer e paixão.

A revolução sexual foi um marco simbólico de transformação nos costumes e comportamentos principalmente femininos, pois, a mulher se viu liberta do cárcere do lar e casamento, como também de ser o fundamento para a solidez familiar. A mulher não mais tinha que se contentar em viver no frio grotão da solidão, ou mesmo, assim como um molusco que se esconde por debaixo de sua concha, ter que esconder a sua sexualidade e afetividade por debaixo do invólucro calcário machista e patriarcal.

Entretanto, como adverte Rejane Esther Vieira

(...) o que mais chama a atenção nesta época é a atuação das mulheres na sociedade, promovendo fortes mudanças. Elas avançaram na questão de emancipação econômica e sexual, além da sua presença crescente nos movimentos reivindicatórios e políticos da década. Ou seja, as mulheres tiveram o desenvolvimento de uma ação mais direta e organizada, pois, os movimentos feministas lutaram contra a ditadura e por problemas específicos das mulheres tais como: sexualidade, o controle da concepção, o aborto, o prazer sexual, a dupla jornada de trabalho, a discriminação econômica, social e política. (VIEIRA, 2012, p. 8)

Na sua obra literária *Xica da Silva*, embora João Felício dos Santos tenha como protagonista de seu romance uma mulher negra, o autor negligencia os resultados e conquistas do movimento libertário feminista nas décadas de 1960 e 1970 que buscou “(...)

principalmente, destruir os mitos da inferioridade *natural*, resgatar a história das mulheres, reivindicar a condição de sujeito na investigação da própria história, além de rever, criticamente, o que os homens, até então, tinham escrito a respeito” (DUARTE, 1990, p. 70). Pois, João Felício dos Santos, contrastando com todas as mudanças de seu tempo que buscam alterar a condição feminina, ainda como herdeiro de um espólio machista advindo de uma longa tradição patriarcal, representa Xica da Silva como a mulata hipersexualizada, verdadeiro símbolo de liberdade sexual, conhecedora de uma cultura erótica que só a deixa distante do modelo da mulher frígida e desenxabida de tempos anteriores.

Sobre os recursos materiais que envolvem a produção literária da obra *Xica da Silva*, vale ressaltar que João Felício dos Santos utilizou dos meios dispensados pela imprensa moderna que “(...) com seus alcances e limites, tem sido como recurso técnico, um fator neutro, quando se trata de impedir a difusão do estereótipo literário de mulata. Mas interfere eficientemente, quando se trata de promover e reforçar a difusão desse estereótipo” (QUEIRÓZ JÚNIOR, 1975, p. 97). Em muitos de seus romances João Felício dos Santos buscou enriquecê-los com atrativos retratos, gravuras e ilustrações de autoria de artistas renomados como Carybé, Poty, Xavier, Neto. Sendo esta uma manobra eficiente do autor para tornar os seus romances vendáveis e notórios, pois, “difundindo amplamente as obras editadas e tornando-as desejáveis pela força quase irresistível da propaganda, aí está como pode a imprensa tornar vulnerável o gosto do público leitor” (QUEIRÓZ JÚNIOR, 1975, p. 97). Uma outra maneira de popularizar a personagem Xica da Silva e conseqüentemente a obra literária de João Felício dos Santos, foi a iniciativa de transformar o romance em película por Carlos Diegues em 1976, no mesmo ano de publicação do romance. Impelido pelo movimento do Cinema Novo<sup>17</sup>, Carlos Diegues conjuntamente com João Felício dos Santos escreveram o roteiro do filme *Xica da Silva* que “(...) democratizou o mito e o tamanho da tela foi proporcional às dimensões que ele alcançou tanto no Brasil como no exterior” (FURTADO, 2003, p. 282).

A trama literária de João Felício dos Santos é protagonizada pela escrava Xica, mulher ferosa, sempre pronta a dar prazer aos homens, a requebrar-se dengosa pelas ruas desalinhadas do arraial do Tejuco nas Minas setecentistas. Mucama do Sargento-Mor do arraial do Tejuco Xica da Silva seduz com doçura e utiliza de seus atributos sexuais para contornar situações. Com uma personalidade luxuriosa incontrolável, conquista o coração do homem mais poderoso do Distrito Diamantino o contratador João Fernandes de Oliveira, elevando-se socialmente passa a ter desejos hiperbólicos, esnobando a nobreza que antes a humilhava. Xica da Silva é um exemplo de como os autores trabalham a figura da mulher

negra na narrativa literária, a retratando de maneira estereotipada, idealizada e repleta de preconceitos, pois, no romance, Xica da Silva “(...) incorpora a fantasia da escrava sexualmente disponível. Ela é usada sexualmente por vários homens brancos (...) e parece perfeitamente apreciar; ela aspira apenas encontrar uma melhor classe de senhor/amante” (STAM *apud* GORDON, 2009, p. 4).

Xica da Silva através de sua beleza, graça, e talentos eróticos ganha o coração do homem mais poderoso do Distrito Diamantino, o contratador João Fernandes de Oliveira, e deste recebe a alforria e poder. De João Fernandes, Xica da Silva ganha tanto um grande Palácio como um lago artificial com uma galera. Porém a Corte Portuguesa é avisada sobre irregularidades no contrato como dos gastos exorbitantes de João Fernandes e manda um fiscal, que prende o contratador. Xica da Silva termina a história pobre, humilhada e apedrejada, tendo que novamente usar o seu corpo e o sexo como meios de barganha.

Segundo Nibert Elias “na sociedade civilizada, nenhum ser humano chega civilizado ao mundo e que o processo civilizador individual que ele obrigatoriamente sofre é uma função do processo civilizador social” (ELIAS, 1994, p. 15). Na obra de João Felício dos Santos percebe-se a intenção de civilizar Xica da Silva e transformá-la em uma dama burguesa, porém todos os esforços se mostram inúteis, já que na obra ela se mostra um ser inadaptável, difícil de ser polido, de se transformar em “senhora”, uma vez que o autor busca afirmar a imutabilidade da mulata para as coisas do sexo. Também é ressaltado na obra literária a falta de raciocínio e a baixa capacidade intelectual da mulata que por mais que tentasse não conseguia aprender a ler e a escrever, embora já escrevesse Roger Chartier que no século XVII e XVIII no Antigo Regime havia um domínio desigual entre homens e mulheres no que tange à leitura e à escrita, sendo que “os homens assinam mais que as mulheres” (CHARTIER, 1991, p. 117) e sendo ainda a prática da escrita considerada “inútil e perigosa para o sexo feminino” (CHARTIER, 1991, p. 117).

Como um tipo literário, foi imputado à mulata traços positivos, dentre eles cita-se “bons sentimentos, senso de solidariedade humana, alegria, vigor físico, graça, beleza, senso estético, gosto pela vida, certas habilidades domésticas, ou mais exatamente culinárias, muita higiene pessoal e bastante musicalidades – afinação, ritmo e graça ao cantar e dançar” (QUEIRÓZ JÚNIOR, 1975, p. 33). Mas, “não menos destacados são seus defeitos: irresponsabilidade, sensualidade, amoralismo, infidelidade” (QUEIRÓZ JÚNIOR, 1975, p. 33). No romance de João Felício dos Santos, Xica da Silva, como uma legítima mulata, possui quase todos os traços positivos atribuídos ao estereótipo literário da mulata, como também todos os seus aspectos negativos.

## Conclusão

A partir dos subsídios da análise do discurso ressaltam-se alguns traços fundamentais que perpassam a representação da mulata na obra de João Felício dos Santos, o primeiro traço é que Xica da Silva é dona de uma sensualidade irresistível, o segundo é que o autor não se cansa em ressaltar as características físicas de sua mulata, em terceiro, vale denotar que a mulata na obra de João Felício dos Santos representa a “outra” dentro do que se convencionou como núcleo estrutural familiar não servindo para o casamento, como quarto ponto enfatiza-se que Xica da Silva passa a simbolizar a mulher-objeto na sociedade que o autor busca representar, no quinto ponto, percebe-se que a protagonista da obra literária é estigmatizada, infamada socialmente e qualificada pejorativamente por sua corolação de pele e no sexto e último traço, a mulata traz uma propensão “nata” para as coisas do sexo, assim, ela é sempre infiel. Essa infidelidade de Xica da Silva fica muito clara na obra em questão, na qual Xica da Silva divaga entre o puro amor e o amor erótico e carnal. Mesmo abandonando sua antiga vida de escrava e tornando-se senhora rica e livre ao viver em concubinato com João Fernandes, ela ainda continua vista por uma ótica extremamente sexual, já que, embora Xica da Silva ame João Fernandes de Oliveira, não consegue conter o seu comportamento libertino e os seus instintos sexuais acabando por trair o contratador de diamantes com inúmeros homens. Assim assenta-se a representação de Xica da Silva no romance histórico de João Felício dos Santos ao estereótipo da mulata sexualizada que desperta o desejo carnal nos homens.

Se representar é apresentar no presente algo ou alguém do passado, sendo que a imagem presentificada é marcada com o timbre da que está ausente. Está reapresentação feita no presente do ausente pode ser mediada através de uma palavra, figura, pintura, marca que traz uma imagem do não presente, distante pelo próprio tempo e espaço. Assim, como é o caso de Chica da Silva cuja memória volátil circulava entre os seus descendentes e entre os moradores da cidade de Diamantina, mas que ausente, teria sua imagem presentificada pelo memorialista Joaquim Felício dos Santos no século XIX de maneira preconceituosa e negativa como a negra rude, boçal, mandona e perdulária, já que os sentidos e as significações dadas às representações são historicamente construídas, dessa forma, a imagem de Chica da Silva criada pelo memorialista em 1868 ancora-se com o seu tempo de escrita, no qual vigorava preconceitos contra ex-cativos e mulheres negras, momento em que havia o repúdio da prática do concubinato pelos preceitos católicos e que era lançado um forte olhar de reprovação sobre

a união entre brancos e negras, como foi o caso de Chica da Silva e João Fernandes de Oliveira.

As representações não nascem do vazio, mas a partir do corpo de valores presentes no momento de sua feitura, assim, enquanto representante da elite social branca, defensor de preceitos patriarcais e imbuídos de princípios tradicionais de forte teor preconceituoso, Joaquim Felício dos Santos inscreve as suas memórias e cristaliza Chica da Silva nelas negativamente. As representações na sociedade possuem a função de estabilização e de dinamização de imagens, embora o discurso de Joaquim Felício dos Santos intencionasse estabilizar Chica da Silva a figura da “negra espúria” de maus modos, as representações são partilhadas e o discurso de Joaquim Felício dos Santos sobre Chica da Silva passou a ser revisitado e atualizado, uma vez que as representações são apropriadas e ressignificadas.

Apropriando-se do “relato original” sobre Chica da Silva escrito por Joaquim Felício dos Santos e dando a ele novos contornos, destaca-se o texto do seu sobrinho-neto João Felício dos Santos, que para além da evidência anedótica do parentesco, inova por trazer uma protagonista negra para o seu romance, embora que ao custo de aprisioná-la a estereótipos e imagens questionáveis.

Se o estereótipo da mulata tem sua gênese no período colonial, percebemos reflexos deste estereótipo sendo expressos na ficção literária de João Felício dos Santos na contemporaneidade, visto que esta obra literária exemplifica o machismo do homem branco pela mulata ao perpetuar relações de dominação e subordinação que são heranças da sociedade escravista e que tanto a literatura afro-brasileira contemporânea<sup>18</sup> tenta superar e desconstruir.

Artigo enviado em: dd.mm.aaaa. Aprovado em: dd.mm.aaaa.

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).

<sup>3</sup> Data do falecimento de Chica da Silva.

<sup>4</sup> Foi “(...) deputado, senador e presidente do Senado da República (...)” (DUARTE, 2010, p. 202).

<sup>5</sup> “(...) publicou diversas obras voltadas para a área jurídica, como o primeiro Projeto do Código Civil Brasileiro, de 1882, e a formulação de leis e decretos” (DUARTE, 2010, p. 202).

<sup>6</sup> “Publicou o “(...) romance *Açayaca*, de 1866, baseia-se em uma lenda indígena e está perfeitamente inserida no espírito indianista do período romântico” (DUARTE, 2010, p. 155).

<sup>7</sup> São caleidoscópicas as representações de Chica da Silva “Bruxa, sedutora, heroína, rainha ou escrava” (FURTADO, 2003, p. 19).

<sup>8</sup> Quando nos referirmos à personagem histórica utilizaremos a grafia “Chica da Silva”. E para nos referirmos à personagem literária utilizaremos a grafia “Xica da Silva”.

<sup>9</sup> O imaginário é um reservatório/motor. Reservatório, agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida e, através de um mecanismo individual/grupal,

sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo. O imaginário é uma distorção involuntário do vivido que se cristaliza como marca individual ou grupal. Diferente do imaginado – projeção irreal que poderá se tornar real –, o imaginário emana do real, estrutura-se como ideal e retorna ao real como elemento propulsor (SILVA, 2003, p. 3).

<sup>10</sup> Na análise do discurso “o autor é o sujeito que, tendo o domínio de certos mecanismos discursivos, representa, pela linguagem, esse papel na ordem em que está inscrito, na posição em que se constitui, assumindo a responsabilidade pelo que diz” (ORLANDI, 2001, p. 76).

<sup>11</sup> Segundo Sandra Jovchelovitch: “É, portanto, a positividade da alteridade que necessita ser discutida, pois é nesta positividade que residem os elementos fundantes de toda a vida psíquica e social” (JOVCHELOVITCH, 1988, p.69).

<sup>12</sup> O (...) romance histórico tem como um de seus objetivos apresentar uma perspectiva nova da narrativa histórica. Esse redimensionamento é o primeiro intento de constituir uma narrativa que tem como objetivo a construção de uma versão do fato histórico, identificada com a realidade. Essa visão sobre o romance histórico é seguida por muitos outros romancistas que através da liberdade de criação, escrevem várias narrativas que relativizam a concepção histórica no ocidente moderno. Esse redimensionamento originou uma literatura que revisou o passado histórico no seu devido espaço e tempo, objetivando reinterpretá-lo. Essa forma de tomada de consciência está relacionada ao reconhecimento de que a história se faz como discurso, em que a capacidade de construção de imagens através da narração é um importante mecanismo de construção da história, e, conseqüentemente, da construção das identidades (LACERDA, 2006, p. 38).

<sup>13</sup> João Felício dos Santos “é autor de uma obra vasta na qual se destacam romances, contos, poesias, literatura infantil, livros técnicos, argumentos e roteiros cinematográficos e o desenvolvimento de enredos carnavalescos” (DUARTE, 2010, p. 203).

<sup>14</sup> Entre os muitos títulos que publicou, destacam-se: *João Abade*, de 1958; *Ganga Zumba*, de 1962; *Carlota Joaquina, a rainha devassa*, de 1968; *Ataíde, azul e vermelho*, de 1969; *Xica da Silva*, de 1976; *A guerrilheira, o romance da vida de Anita Garibaldi*, de 1974; *Insurreição de Queimado*, s/d; *Quilombo*, de 1984; *Cristo de Lama*, s/d; entre outro. (DUARTE, 2010, p. 203).

<sup>15</sup> Vale ressaltar que não estamos lançando preconceitos contra o carnaval ou contra as sambistas das grandes escolas. Mas, apenas argumentando que a relação do autor com o carnaval pode ter aumentado o machismo do literário, o fazendo reforçar estereótipos raciais que se manifestam em suas obras literárias, em decorrência da festa popular do carnaval comumente através de sátiras, músicas e imagens disseminar representações preconceituosas principalmente sobre a mulher negra.

<sup>16</sup> Rosenda da obra *Jubiabá* (1997), Gabriela do romance *Gabriela, Cravo e Canela* (1969) e Ana Mercedes da obra literária *Tenda dos Milagres*, 1970.

<sup>17</sup> O movimento do Cinema Novo do qual Cacá Diegues participava tinha como interesses o povo brasileiro e sua história, mas reivindicava o direito da liberdade de expressão para contá-la. Para esse diretor, era importante compreender e resgatar a tradição afro-americana na nossa sociedade contemporânea e, buscando concretizar esse objetivo, transformou em película a história de dois ícones da presença africana no Brasil: Chica da Silva e Zumbi dos Palmares. Essa releitura pretendia oferecer uma visão crítica ao espectador, sobretudo no tocante às relações entre os portugueses e a elite brasileira de um lado e os escravos e marginalizados de outro (FURTADO, 2003, p. 282-283).

<sup>18</sup> “A literatura negro-brasileira vem exercitando, cada vez mais, o campo das polaridades que põem a nu o preconceito, desde sua conotação mais sutil até a mais agressiva” (SILVA, 2010, p. 109). As polaridades têm sido recursos empregados na literatura negro-brasileira para detectar os meandros camaleônicos da sociedade no quesito raça. Nas relações senhor x escravizado, branco x negro, rico x pobre, o escritor encontra material amplo de trabalho para desconstruir estereótipos e promover o diálogo, mesmo que este seja áspero (SILVA, 2010, p. 109).

## Referências

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

\_\_\_\_\_. *Tenda dos Milagres*. São Paulo: Martins, 1970.

\_\_\_\_\_. *Gabriela, Cravo e Canela*. São Paulo. Liv. Martins Ed. 1969.

---

BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

CALLADO, Antônio. *O tesouro de Chica da Silva*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

CARNEIRO, Maria Elizabeth Ribeiro. Imagens de “mães pretas”: representações da maternidade e da escravidão na escrita de José de Alencar. *Unimontes Científica*. Montes Claros, v. 8, n. 2, p. 13 – 30, jul./dez. 2006.

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.45 – 59.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: A história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre/Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 07-79.

\_\_\_\_\_. Uma crise da História? A História entre narração e conhecimento. In: PESAVENTO, Sandra. (Org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: UFRGS, 2001. P. 115-140.

\_\_\_\_\_. Práticas de escrita. In: ARIÉS, Philippe; CHARTIER, Roger. *História da vida privada: da Renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 3, 1991. P. 113-161.

\_\_\_\_\_. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1988.

\_\_\_\_\_. O mundo como Representação. *Estudos avançados*. Trad. Andréa Daher e Zenir Campos Reis. 11 de maio. 1991. Texto publicado com permissão da revista *Annales* (NOV-DEZ. 1989. n° 6, p. 1505-1520) p. 184.

DUARTE, Constância Lima (Org.). *Dicionário bibliográfico de escritores mineiros*. Belo Horizonte: Autêntico Editora, 2010.

\_\_\_\_\_. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados*, São Paulo, n. 49, p. 17, Sept./Dec. 2003.

\_\_\_\_\_. Literatura feminina e crítica literária. In: GAZOLLA, Ana Lúcia Almeida (Org.). *A mulher na literatura I*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FERREIRA, Antônio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tânia Regina. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: José Olympio, 1987.

FURTADO, Júnia Ferreira. *Chica da Silva e o contratador de diamantes: o outro lado do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

---

GUILLEBAUD, Jean-Claude. “A consolação da revolução sexual”. In: GARCIA, Marco Aurélio; VIEIRA, Maria Alice (Org.). *Rebeldes e contestadores – 1968*: Brasil, França, Alemanha. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 1999.

GORDON, Richard. *Alegorias de Resistência e Recepção em Xica da Silva*. EDUFRN: Natal, 2009.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Re(des)cobrando o outro: para um entendimento da alteridade na teoria das Representações Sociais. In ARRUDA, Ângela (org.). *Representando a Alteridade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 69 a 82.

LACERDA, Denise Perez. *Do imaginário ao real: a história (re) contada em A Casa das Sete Mulheres*. Rio Grande. Universidade Federal do Rio Grande, 2006. Dissertação de Mestrado.

LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: UNICAMP, 1988.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. *Arraial do Tejuco, cidade Diamantina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência: crônica trovada da cidade de Sam Sebastiam*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ORLANDI. Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

\_\_\_\_\_. Este mundo verdadeiro das coisas de mentira: entre a arte e a história. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 30, p. 57. 2000.

\_\_\_\_\_. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 16, n. 29, p. 9 – 27. 1995.

PRIORE, Mary Del. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

QUEIROZ JÚNIOR, Teófilo de. *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 1975.

ROCHA – COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. *O canibalismo amoroso: o desejo e a interdição em nossa cultura através da poesia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SANTOS, João Felício dos. *Xica da Silva*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora. 2007.

\_\_\_\_\_. *João Abade*. Rio de Janeiro: Agir, 1958, p. 39.

---

SANTOS, Joaquim Felício dos Santos. **Memórias do Distrito Diamantino**. Rio de Janeiro: Edições o Cruzeiro, 1956.

SILVA, Juremir Machado da. Tecnologias do imaginário: esboços para um conceito. In: **Associação Nacional de programas de Pós-graduação em Comunicação** (Compós), 12, 2003.

SILVA, Luiz. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo negro, 2010.

STAM, Robert. Racial Representation in Brazilian Cinema and Culture: A Cross-Cultural Approach. In: MARTIN, Michael T. (org). **New Latin American Cinema. Volume Two: Studies of National Cinemas**. Detroit, Wayne State University Press, 1997b, p. 335 –364.

VIEIRA, Rejane Esther. **Revolução dos costumes e gênero**: uma análise da transformação dos costumes femininos e a influência da moda nas décadas de 60 e 70 em Florianópolis, p. 01 - 18.  
<[http://www.administradores.com.br/\\_resources/files/\\_modules/academics/academics\\_781\\_2\\_0100228182530ffbb.pdf](http://www.administradores.com.br/_resources/files/_modules/academics/academics_781_2_0100228182530ffbb.pdf)>. Acesso em: 21 de fev. 2012.